

.....

CÂNTICO DOS CÂNTICOS NOTAS ERÓTICO-EXEGÉTICAS

Carlos Eduardo B. Calvani*

Dentre os livros bíblicos, o Cântico dos Cânticos (também conhecido como “Cantares”) é um dos mais relegados ao ostracismo. Nas poucas vezes em que alguém o utiliza, o faz orientado por uma interpretação alegórica de suas palavras. Poucas vezes a leitura é feita de modo natural, e mesmo quando se tenta fazer isso, a interpretação sofre os condicionamentos derivados de um certo consenso moral que se esquivava de algumas passagens, pelo incômodo que causam.

Embora atribuído a Salomão, o cântico não surgiu em sua época. Alguns aramaísmos presentes no texto apontam para a época pós-exílica (“pardes”, por exemplo, palavra iraniana sob forma aramaica - Ct 3.9). Por isso diversos fatores levaram estudiosos do Antigo Testamento a considerar a atribuição a Salomão como apelo a sua autoridade a fim de facilitar a

*Carlos Eduardo B. Calvani é Ministro Anglicano, Doutor em Ciências da Religião pela UMESP, Coordenador dos Cursos de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão da Faculdade Unida de Vitória - ES.

aceitação do texto. Há também quem, como Carr, sugira que as referências a Salomão devem ser compreendidas como “ficção literária”. Ao comentar as referências a Salomão, esse autor afirma: O rei, com toda sua riqueza e esplendor, se introduz aqui apenas como símbolo de uma classe social para a qual o desejo é a mesma coisa que a posse”¹

Como lugar de origem geralmente se admite a Palestina, e a datação do texto tem sido estabelecida entre os séculos V e IV antes de Cristo². Discussões diversas sobre a influência dos cultos de fertilidade e das religiões de divindades femininas e sobre a tese de ser um texto produzido por mulheres, podem ser encontradas no importante artigo de Humberto Maiztégui Gonçalves e em outros textos.³

Sem entrar em considerações técnicas a respeito da autoria e procedência do texto, pretendo apenas explorar algumas possibilidades interpretativas, tomando-o como peça literária do gênero “poema de amor”, nada devendo a célebres textos desse tipo de literatura tais como Romeu e Julieta de Shakespeare, talvez o mais conhecido drama romântico da literatura.

A poesia de amor enquanto gênero literário, embora varie muito de acordo com a época e procedência, possui alguns elementos comuns: um deles é o da excitação que os amantes sentem quando estão juntos (Ct 3.4, 7.6-12), as dificuldades que têm que enfrentar para enfrentar a vigília

¹ EATON, M & CARR, G. Lloyd. *Eclesiastes e Cantares – introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1984. p. 182.

² SELLIN & FOHRER, E. *Introdução ao Antigo Testamento*, vol.2. São Paulo: Paulinas, 1977, pg. 446 e Bíblia de Jerusalém, notas da pg. 1184.

³ MAIZTÉGUI, Humberto. “Um olhar indiscreto e desconstrutivo sobre as interpretações do Cântico dos Cânticos”. In *Inclusividade* no. 2. Revista Teológica do Centro de Estudos Anglicanos. Porto Alegre: CEA, 2002. Ver também TAMEZ, Elsa “Para uma leitura lúdica do Cântico dos Cânticos”. *RIBLA – Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* n. 38. Tema: Religião e Erotismo. Petrópolis: Vozes, 2001, p.56), ARDILA, Esteban Arias. “Meu amado é como uma gazela – leitura do Cântico dos Cânticos em vista de novas masculinidades” e MAIRENA, Agenor Gutiérrez. “No jardim dos encontros – os textos bíblicos e a construção das relações de poder”, ambos em *RIBLA* n. 56 (Tema: Re-imaginando a masculinidade), Petrópolis: Vozes, 2007.

repressora de autoridades ou curiosos, a necessidade de marcar encontros em lugares reservados, sempre desertos ou escondidos (7.12-13), as descrições do corpo da pessoa amada com detalhes ardentes e eróticos (5.10-16; 6.4-10; 7.2-10), a alegria dos apaixonados ao se encontrarem (4.9), ao ouvir a voz do outro (2.8), ao tocar-se (2.6), beijar-se (1.2), e a memória das carícias preliminares da relação sexual (7.11-14). De fato, o Cântico dos Cânticos exalta o encanto do amor, a irresistibilidade da sedução, do desejo e da paixão. Conforme Sellin e Fohrer, “os cânticos celebram em termos efusivos e sensuais o amor que atrai o homem e a mulher para os braços um do outro, com força tão poderosa que eles não podem resistir”.⁴

Porém, nossa formação religiosa puritana e moralista, muitas vezes nos impede de ver o tema do amor e da sexualidade tratados com tamanha liberdade e ausência de preconceitos nas Sagradas Escrituras. Nossa religiosidade é freqüentemente orientada para a compreensão de coisas “santas” e com isso, nos tornamos completamente analfabetos nos assuntos referentes às coisas humanas. Essa visão platônica impregnada na moral cristã pressupõe que tudo o que se refere ao corpo e aos prazeres sexuais está muito distante do ideal de santidade e espiritualidade. Precisamos urgentemente redescobrir o valor da sexualidade num mundo que a desvaloriza de várias maneiras, através da repressão ou de sua banalização, transformando-a em veículo de propaganda e bem de consumo. O texto pode nos ajudar nesse trabalho, pois o Cântico dos Cânticos mostra a vitória do amor e da sexualidade sobre a repressão social e também sobre a sedução da riqueza e do poder.

Apesar da dificuldade de identificar uma continuidade lógica na narrativa, alguns motivos de ordem intuitiva, podem nos fazer encontrar no texto, retalhos de um drama vivido por três personagens literários fictícios e, por isso mesmo, representativos de todos nós: uma jovem mulher, dividida entre o amor de um camponês e os assédios de alguém que tem poder e riqueza. Essa jovem tem a pele escura por ter sido queimada pelo sol enquanto trabalhava no campo (1.5-6). Ela é assediada por dois homens: um representado pelo Rei, tipifica toda uma classe social – a elite monárquica

⁴ Idem, pg. 443.

ou proprietária de terras que explora os trabalhadores do campo; o outro homem é o camponês, pastor do campo (1.7-8, 2.16, 6.2-3) o verdadeiro amor da jovem.

Alguns comentaristas consideram o poema uma descrição do namoro, noivado, casamento, surgimento de problemas e crises no relacionamento conjugal e, finalmente, a reconciliação do casal. Desse modo, transformam o Cântico em apologia do amor monogâmico e da sexualidade desfrutada somente nos limites do casamento. Essa é a perspectiva que orienta o pequeno livro de Caio Fábio d'Araújo Filho, por exemplo, que com excessivo moralismo, insiste em ver no texto apenas o relacionamento entre pessoas casadas⁵. Tal interpretação é condicionada previamente por uma tentativa de evitar que o cântico seja considerado “imoral”. Contudo, não existe absolutamente nada no texto que sugira que os dois amantes sejam casados. O mais provável é que a situação seja oposta: talvez sejam namorados ou amantes que procuram desesperadamente um lugar escondido e deserto onde possam entregar-se um ao outro sem serem importunados (7.12-13). Penso que podemos ler o texto como a história de uma grande atração, paixão ou amor vivido reciprocamente e ameaçado pela insistência sedutora de uma terceira pessoa. Apesar do “rei” tentar conquistar a jovem com jóias e perfumes (1.11,12), ela tem seu pensamento voltado somente para o amado (1.7) e ao invés dos perfumes, continua a preferir o cheiro do campo que há no corpo de seu amado (1.13,14). Num determinado momento, ela sai ao seu encontro, mas é capturada e agredida violentamente pelos poderes repressores da sexualidade, sofrendo violência física e intimidação (5.6-7), mas reafirma publicamente seu amor pelo pastor do campo (5.10-16). As descrições que ambos fazem do corpo do outro são recheadas de bastante força imaginativa. Desse modo, conforme Boehler, “Cantares recupera a dimensão da vida, da terra, das cores, das formas, do cheiro. O lugar de encontro, de abraços, de amor. Nele o critério da dimensão divina do ser humano é a própria sensualidade dos corpos. E o corpo inteiro é bonito. É todo erótico. Não é profano. Mas é o templo da vida”.⁶

⁵ ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. *Cantares: celebração, poesia, devoção*, Rio de Janeiro, VINDE, 1988, p. 43.

A partir dessa visão geral, vamos apreciar alguns breves trechos desse erótico poema:

Cântico 2.3-7

*Como a macieira entre as árvores da floresta,
assim é meu amado entre os outros homens*

*Eu me sinto feliz nos seus braços e os seus carinhos
são doces para mim*

*Ele me levou ao salão de festas
e ali nos entregamos ao amor*

*Tragam passas para eu recuperar as minhas
forças e maçãs para me refrescar pois estou
desmaiando de amor*

*A sua mão esquerda está debaixo da minha cabeça
e a direita me abraça*

*Mulheres de Jerusalém, prometam e jurempelas
veadas selvagens e pelas gazelas que vocês não
vão perturbar o nosso amor.*

Este pequeno trecho relata um encontro amoroso entre o casal ou a memória da personagem. O trecho começa com declarações mútuas de amor e elogios que vêm sendo trocadas desde o capítulo 1

“Ela:

*O meu amado tem cheiro de mirra quando
descansa sobre os meus seios; o meu amado é como
as flores do campo nas plantações de uvas...”*;

⁶ BOEHLER, Genilma. “Malditos e gozosos” in Uirá n. 7. Revista da UBRAJE, São Paulo, 1988, pg 5.

Ele:

Como você é bela, minha querida! Como você é linda! Como os seus olhos brilham de amor”;

Ela:

Como você é belo, meu querido ! Como você é encantador. A grama verde será a nossa cama...” (1.13-16).

No trecho em consideração, o jovem afirma só ter olhos para sua amada (“como um lírio entre os espinhos é a minha amada entre as mulheres”). Ela afirma sentir o mesmo e diz que só se sente feliz nos seus braços (deseja assentar-se à sua sombra). Há, porém, um detalhe exegético a considerar aqui: a parte b do versículo 3 tem sofrido muito por preconceitos de tradutores. A tradução da BLH retirou boa parte da poder metafórico do texto (“os seus carinhos são doces para mim”, enquanto a Almeida Revista e Atualizada traz “o seu fruto é doce ao meu paladar”. Mas sempre que os verbos ali empregados aparecem no Antigo Testamento, sua tradução pode ser tanto “devorar” como “lamber” (Jz 7.5-7, 1 Rs 18.38, 21.19, 22.38; Is 49.23). Se esse versículo sugere a prática do sexo oral como carinho e forma de proporcionar prazer, então a tradução da BJ (Bíblia de Jerusalém) e da TEB estão bem mais próximas do sentido do texto: “com o seu doce fruto na boca”. Este é o grande valor das metáforas poéticas: elas dizem com muita beleza, certas coisas difíceis de expressar. Uma das possibilidades interpretativas do texto é afirmar que a amada deseja ardentemente ter em sua boca para degustar, devorar ou lambar, o “fruto” da macieira.

O versículo quatro fala de um relacionamento sexual também de forma poética. O pastor conduz sua jovem amante a uma “adega” (BJ) ou a um “salão de festas” (BLH). O hebraico traz, literalmente, “casa de vinhos”, que podemos identificar como um lugar de alegria e prazer, uma vez que o vinho, no Antigo Testamento, geralmente está associado ao prazer e à alegria. Naquele ambiente propício à vivência do amor, ela diz que o jovem “pôs sobre mim sua bandeira de amor”, ou como traduziu a BLH: “ali nos entregamos ao amor”.

O lugar onde ambos se entregaram realmente se transformou num ambiente de prazer sexual. O versículo 5 apresenta a jovem completamente esgotada, arfando após atingir um intenso e poderoso orgasmo: “sustentai-me... confortai-me com maçãs, pois desfaleço de amor” (Almeida); ou “dai-me forças que estou doente de amor” (BJ), “tragam-me passas para eu recuperar as minhas forças pois estou desmaiando de amor” (BLH). Na cena do versículo 6, os dois amantes se acariciam, felizes e realizados. Horner observa que esta é uma das posições básicas de um relacionamento sexual⁷, e Carr acrescenta: “A posição da mão esquerda debaixo da cabeça dela sugere que os dois estão deitados, e que ele a acaricia e abraça com a mão direita”⁸

Naturalmente, diante de toda intensidade da expectativa da repetição desse encontro, nada mais natural que ela peça às mulheres de Jerusalém que, por favor, não incomodem nem atrapalhem a intimidade do casal (1.7).

Esse trecho curto, mas revelador, ilustra muito bem a profundidade e beleza do Cântico dos Cânticos. É um texto que conduz dos elogios mútuos ao desejo, à sedução e à entrega dos amantes um ao outro. Aqui a sexualidade é encarada como natural, fonte de prazer para ambos.

Cântico 2.8-13

Ela:

*Estou ouvindo a voz do meu amor
 Ele vem depressa, descendo as montanhas,
 correndo pelos montes
 O meu amado é como uma gazela,
 é como um cabrito selvagem
 O meu querido está ali, do lado de fora da nossa
 casa ele está olhando para dentro, pelas janelas
 Está me espiando pelas grades o meu amor está
 falando comigo*

Ele:

Venha então, minha querida;

*Venha comigo, meu amor
O inverno já foi, a chuva passou e as flores
aparecem nos campos
É tempo de cantar;
Ouve-se no campo o canto das rolinhas os
figos estão começando a amadurecer e já se pode
sentir o perfume das parreiras em flor
Venha então, meu amor
Venha comigo, minha querida
Você está escondida como uma pomba
na fenda de uma rocha
Mostre-me o seu rosto, deixe-me ouvir a sua voz
pois a sua voz é suave e o seu rosto é lindo.*

Nesse que é um dos mais belos momentos do livro, há um convite a desfrutar do amor ao ar livre, recuperando a dimensão da natureza, que se torna cúmplice do romance. Há, no texto influências dos antigos cultos de fertilidade. A jovem ouve a voz sedutora e convidativa de seu amante chamando-a para um passeio no campo. Fazer amor ao ar livre, em contato com a natureza, é uma das fantasias sexuais mais comuns para muitos casais. Podemos ver aqui todo um “jogo erótico” ou “fantasia” em andamento: enquanto a jovem está deitada (v.10), seu amante a observa sorratamente por uma fresta ou “buraco na parede” (seria a tradução mais literal, conforme o *Dicionário Hebraico-Português*, Editora Sinodal-Vozes, pg. 68). Depois de voyeuristicamente contemplá-la (e com o consentimento dela, que sabe estar sendo observada e gosta desse jogo de sedução e exibicionismo), ele sussurra seu convite para um passeio no campo. Os versículos 11-13 são de inigualável riqueza poética. Descrevem a primavera, época da fertilidade, em que a vida se renova na terra e nos campos.

Em nossos dias, infelizmente, perdemos a dimensão do contato com a natureza. Vivemos num mundo caracterizado pelos edifícios de concreto acinzentado das grandes cidades. Não temos mais olhos para as flores nem

⁷ HORNER, Tom. *O sexo na Bíblia*. São Paulo, Gemink, 1989, pg. 125.

⁸ CARR, op. cit., pg. 251.

ouvidos para desfrutar o som dos pássaros, e nossos narizes só identificam o cheiro da poluição. Essa realidade das grandes cidades acaba por nos fazer restringir o encontro dos corpos a quartos escuros durante a noite ou a motéis afastados. Mas no texto bíblico, o recinto do amor é o próprio mundo, a própria natureza, o ar livre, o contato com a grama e o verde, com o sol e a brisa. É o próprio mundo que se oferece como o melhor afrodisíaco para o encontro dos amantes. Esse trecho recupera a dimensão erótica da terra. Toda a natureza participa da sedução.

O mesmo tema da sedução reaparece em 5.2ss:

Cântico 5.2-8

Ela:

*Eu dormia, mas o meu coração estava acordado
Então ouvi meu amado bater na porta*

Ele:

*Deixe-me entrar, minha querida, meu amor
Minha pombinha sem defeito
A minha cabeça está molhada de sereno e
o meu cabelo está úmido de orvalho*

Ela:

*Eu já tirei a roupa; será que preciso me vestir
de novo? Já lavei os pés; por que suja-los outra vez?*

*O meu amado passou a mão pela abertura da
porta e o meu coração estremeceu*

*Eu já estava pronta para deixar o meu querido
entrar as minhas mãos estavam cobertas de mirra e
os meus dedos também*

*E eu segurava o trinco da porta então abri
a porta para o meu amor mas ele já havia ido embora*

Como eu queria ouvir a sua voz!

*Procurei-o, porém não o pude achar chamei-o,
mas ele não respondeu*

Os guardas que patrulhavam a cidade me encontraram eles me bateram e me machucaram e os guardas das muralhas da cidade me arrancaram a capa

Prometam, mulheres de Jerusalém:se vocês encontrarem o meu amado, digam que estou morrendo de amor

Coro das mulheres:

*Você, a mais bela das mulheres, responda:
Será que o seu amado é melhor do que os outros?
O que é que ele tem de tão maravilhoso ?*

Ela:

*Entre dez mil homens,
O meu amado é o mais bonito e o mais forte
O seu belo rosto é corado;
Os seus cabelos são compridos e ondulados e pretos
como as penas de um corvo
Os seus olhos são como os olhos das pombas na beira
de um riacho;
Pombas brancas como leite, banhando-se ao lado da
correnteza
O seu rosto é bonito como um jardim de plantas
perfumosas
Os seus lábios são como lírios que deixam cair
pingos de mirra preciosa
As suas mãos são bem feitas e enfeitadas com anéis
de ouro e pedras preciosas
A sua cintura é como marfim polido, coberto de safiras
As suas pernas são colunas de mármore assentadas
sobre bases de ouro puro
O meu amado parece um dos montes do Líbano e
é elegante como os cedros
É doce beijar a sua boca,e tudo nele me agrada
Assim é o meu amado, assim é o meu noivo
Mulheres de Jerusalém*

A temática desse trecho é semelhante à do texto anterior. A cena, dessa vez, decorre durante a noite, enquanto a jovem dorme. Seu amante a procura sorrateiramente e a convida a segui-lo. Ela, porém, faz-se de difícil e reclama já estar recolhida e pronta para dormir. Porém, não resiste, levanta-se, perfuma-se para o encontro e providencia óleo aromático. Entretanto, ao abrir a porta, não encontra o amante que já havia se retirado. Ela resolve procurá-lo durante a noite, mas alguns “guardas” a encontram. Os comentaristas da Bíblia de Jerusalém supõem que a confundem com uma prostituta, por isso a espancam e ainda lhe tomam o manto. A jovem, porém, apesar da forte repressão e intimidação das autoridades, resiste em seu desejo de encontrar o amado.

É comum em muitas poesias e dramas amorosos, a necessidade de resistir contra a repressão de autoridades (pais, professores, religiosos, militares, etc) que tudo fazem para impedir a aproximação dos namorados. O mesmo ocorre no texto bíblico, inclusive com o uso da violência física. Para o desejo, entretanto, não existem barreiras, por isso a jovem não desiste de encontrar seu amado. Sua insistência desperta até mesmo o espanto e a admiração das demais mulheres (v.9) que interrogam a jovem. Segue-se então, uma descrição do amante.

Mas não apenas a mulher descreve o homem. Há um momento no Cântico, em que ele também se desmancha em comentários elogiosos a respeito do corpo de sua amada, com detalhes que exaltam a beleza e a sensualidade daquela a quem ele ama:

Cântico 7.2ss:

Ele:

*Ó filha de um príncipe,
Como são bonitos os seus pés calçados de sandálias
As curvas dos seus quadris são como jóias,
são trabalho de um artista
O seu umbigo é uma taça onde não falta vinho
A sua cintura é como um feixe de trigo cercado de lírios
Os seus seios são como duas gazelas*

*O seu pescoço é como uma torre de marfim
Os seus olhos são como os poços que ficam
ao lado dos portões da grande cidade de Hesbom
O seu nariz é tão belo como a torre do Líbano, de
onde se avista Damasco
A sua cabeça está sempre erguida como o monte
Carmelo
Os seus cabelos são como a púrpura; até um rei ficaria
preso nas suas tranças
Como você é linda, minha querida !
Como você me dá prazer !
Como é agradável a sua presença !
Você é tão graciosa como uma palmeira
Os seus seios são como cachos de tâmaras
Vou subir na palmeira e colher os seus frutos
Os seus seios são para mim como cachos de uvas
A sua boca tem o perfume das maçãs
E os seus beijos são como vinho delicioso*

Ela:

*Então que o meu querido beba suavemente desse
vinho que escorre entre os seus lábios e dentes
Eu sou do meu amado, e ele me quer
Venha, querido, vamos para o campo;
Vamos passar a noite nas plantações de uvas
Vamos levantar cedo e olhar as parreiras
para ver se elas já começaram a brotar
Veremos se as flores estão se abrindo
E se as romãzeiras já estão em flor
Ali eu lhe darei o meu amor*

Mais uma vez parece evidenciar-se a influência dos ritos de fertilidade. Porém, o que nos interessa, no momento, é a dimensão da sexualidade humana.

Algo curioso chama-nos a atenção na descrição que o amante faz da amada: a despeito de sua linguagem clara, todas as traduções em português

suavizam certos substantivos. Observemos, por exemplo, que ao descrever o corpo de sua amada, o jovem segue uma lógica muito clara: ele inicia de baixo para cima, dos pés à cabeça: começando dos pés, fala dos quadris, cintura, seios, pescoço, cabeça e cabelos. O movimento é sempre ascendente. Parece haver, porém, um “umbigo” fora do lugar nesse corpo. A palavra hebraica é “sarr”, objeto de muitas discussões entre tradutores. De fato, pode ser traduzido como “umbigo” algumas vezes ou “o centro do corpo”. Delitzsch optava por “centro do corpo”⁹. Carr, porém, observa que “a segunda cláusula refere-se ao ventre que é, mais corretamente, o ‘centro’.

O fato de essa unidade mais longa (vers. 1-9) não usar paralelismos com sinônimos, sugere que tampouco aqui se intencionou usar paralelismos. É mais provável, pois, que a palavra hebraica deveria ser traduzida por ‘vulva’¹⁰, vagina ou algum outro termo mais apropriado. Os tradutores da Bíblia Pastoral deram-se conta desse fato e, mesmo optando pelo “umbigo”, colocaram reticências após a expressão, sugerindo algo ainda por ser dito (“seu umbigo... essa taça redonda onde o vinho nunca falta”). De fato, tudo no texto, sugere que o jovem está se referindo ao órgão genital da amada. Naturalmente, é muito difícil encontrar substantivos precisos para descrever certas partes do corpo sem que a linguagem possa ser considerada vulgar pelos leitores. Por isso talvez, “umbigo” possa ser aceitável, desde que compreendamos que o “umbigo” em questão, “é mais embaixo”.

O jovem elogia também os seios de sua amada, afirmando desejar sugá-los e acariciá-los (v. 9). E após tantos elogios, ela afirma a reciprocidade do seu amor, tomando a iniciativa e convidando-o a um encontro amoroso à noite, nos campos. A educação puritana condicionou muitas mulheres a jamais manifestarem seus desejos eróticos, tampouco tomar iniciativas sexuais. Porém, aqui no texto bíblico a mulher se afirma como sujeito ativo da iniciativa sexual, sem medo de viver plenamente a sexualidade e não como elemento passivo.

É nesse contexto de jogos de amor, “cantadas”, elogios e provocações eróticas que se desenvolve o Cântico dos Cânticos, exaltando o corpo e a sexualidade, sem vinculá-la necessariamente à procriação e ao casamento. De fato, biblicamente falando, a criação primária de Deus é o corpo e a sexualidade; a instituição do casamento, tal como existe hoje, foi uma

contingência histórica e cultural. Será por esse motivo que o Cântico dos Cânticos se apresente como um texto tão perturbador e tão “esquecido”, até mesmo nas cerimônias matrimoniais?

O amor é mais forte do que a morte

No último capítulo do livro, encontramos o conhecido versículo: “nenhuma quantidade de água pode apagar o amor, e nenhum rio pode afogá-lo” (Ct 8.7a – BLH), porque “o amor é mais forte que a morte” (8.6).

Certamente o Cântico dos Cânticos precisa ser redescoberto e mais lido em nossas comunidades, sem as reservas e preconceitos hermenêuticos que geralmente acompanham suas citações. Talvez isso cause incômodo aos “guardas da cidade”, eternos vigilantes da moral e do que os outros fazem com seus próprios corpos. Mas ainda que a repressão continue, vale a pena seguir o fogo do amor e da paixão e experimentar na pele todo o prazer que o corpo pode nos proporcionar e que é sugerido com palavras tão intensas pelos personagens do texto bíblico.

Sem dúvida alguma, a herança platônica no cristianismo, associada ao terror pela sexualidade, às frustrações sexuais de muitos teólogos patrísticos e à rigorosa e infeliz moral puritana, acarretaram muitos problemas de ordem sexual para nós, hoje. Somos tão melindrosos nesse assunto que certamente muitos podem se escandalizar ao perceber que a Bíblia trata desse assunto com bastante naturalidade. Isso é sinal de que há algo doentio em nós e que ainda nos oprime em relação à sexualidade. Nos últimos tempos fala-se muito em libertação. Alguns grupos enfatizam a libertação social, política e econômica, mas fazem vistas grossas ou passam de largo pela também necessária libertação sexual. Outros grupos, que nem sequer cogitam falar em libertação sexual enfatizam a “libertação espiritual” e não percebem que seu discurso muitas vezes provoca o grave efeito colateral de produzir ainda maior repressão sexual. Esses discursos são como “banhos de água fria” receitados para sufocar a libido e sublimar os desejos. Mas o próprio

⁹ DELITTSCH, F. *The Song of Songs and Ecclesiastes*, London Press, 1891, pg 123.

¹⁰ CARR, op. cit., pp. 315-316.

texto bíblico afirma, ironicamente, que “nenhuma quantidade de água pode apagar o amor, e nenhum rio pode afoga-lo”. Tudo isso é sinal de morte. São os poderes da morte querendo amarrar e reprimir ainda mais o corpo, dádiva do Criador. Mas a libido, o desejo e o amor são poderes vitais. É a vida insistindo em atingir suas potencialidades. E todo esse furor sexual reprimido nas comunidades evangélicas, acaba por se manifestar vez ou outro através de distúrbios comportamentais. Fagner canta, em uma de suas músicas a seguinte frase: “quando a gente tenta de toda maneira dele se guardar, sentimento ilhado, morto, amordaçado, volta a incomodar”. Realmente, as muitas águas não podem abafar ou sufocar o amor e nenhum rio é capaz de detê-lo.

Porque o amor é mais forte do que a morte!